Classificação de Variantes

Wilbur N. Pickering, ThM PhD

Tendo realizado o cotejo de pelo menos um livro em cerca de 130 manuscritos — e na esperança de que a classe dos cotejadores cresça (visto que agora sabemos que a massa bizantina é composta por dezenas de vertentes) — gostaria de apresentar a seguinte escala para a classificação de variantes. Considero este um passo necessário para a hierarquização dos exemplares dentro de qualquer linha de transmissão; tal hierarquização, somada à distribuição geográfica, constitui uma ferramenta importante para solucionar divisões significativas entre famílias de manuscritos.

Escala:

x = uma variante não corrigida, atestada apenas por manuscritos fora da família;

y = uma divisão não restrita à família (também com atestação externa);

/ = uma divisão apenas dentro da família (sem atestação externa);

c = uma variante pertencente a uma das três classificações acima que foi corrigida para o arquétipo presumido;

s = leitura singular / variante privada (até que todos os manuscritos tenham sido cotejados, trata-se apenas de uma suposição);

ç = uma variante privada ('s' ou 'i') que foi corrigida para o arquétipo presumido (frequentemente pela primeira mão);

h = um caso evidente de *homeoteleuton* (ou *homeoarcton*), envolvendo frequentemente uma linha ou mais, mas podendo consistir em apenas três ou quatro palavras, ou até menos;

i = pura desatenção.

Discutirei os itens em ordem inversa, estabelecendo de antemão que apenas os três primeiros merecem ser classificados como verdadeiras "variantes" — a maioria das quais, presumivelmente, foi criada de forma deliberada. Os quatro últimos são, na verdade, deslizes inadvertidos, nos quais não houve intenção de alterar o texto (embora algumas "variantes singulares" fossem evidentemente deliberadas); tais casos serão irrelevantes para a definição do perfil de uma família. Futuramente, o registro das leituras concorrentes deverá ser apresentado em termos de famílias, e não de manuscritos individuais (ou de porcentagens destes), tal como já fiz em relação ao Apocalipse.

Utilizo "i" com mais frequência nos casos em que o copista repetiu ou omitiu uma letra ou sílaba ao passar de uma linha para a seguinte, ou de uma página

para a outra. O resultado é, geralmente, algo sem sentido. Quando um manuscrito indica uma quebra de parágrafo ou o início de uma leitura litúrgica por meio de uma letra grande na margem, essa letra era, por vezes, escrita inicialmente em tamanho normal; quem acrescentava a letra grande (geralmente com tinta de cor diferente) acabava não apagando a letra pequena — o inverso também ocorre: a letra grande não chegava a ser inserida e, portanto, está ausente (embora, ao trabalhar com uma cópia feita a partir de microfilmagem, o problema possa residir no próprio filme; à medida que mais cópias digitais se tornam disponíveis na internet, será cada vez mais possível sanar tais dúvidas). Erros ortográficos do tipo itacista devem ser classificados aqui, especialmente quando resultam em algo sem sentido. Esse tipo de ocorrência não deve ser classificado como variante de leitura; trata-se simplesmente de um erro e não deve nos deter.

O uso de 'h' é geralmente simples quando a omissão é extensa. Suspeito que não poucas omissões envolvendo apenas uma ou duas palavras poderiam ser legitimamente classificadas dessa forma, mas a escolha é menos clara; por precaução, costumo optar por 's'. Assim como ocorre com 'i', 'h' não deve ser classificado como uma variante de leitura propriamente dita; trata-se apenas de um erro.

Por definição, um 's' é irrelevante para identificar a forma arquetípica. Um único manuscrito em comparação com todos os outros membros da família não pode estar correto, dado um processo normal de transmissão. Como a transmissão foi comprovadamente normal, um 'singular' jamais deveria ser considerado. [Lembre-se de que qualquer abordagem eclética se baseia nas pressuposições de que a redação original se perdeu e de que a transmissão não foi normal — ambas as quais afirmo serem falsas.]

O critério fundamental para o caso 'ç' é que a variante em questão seja, de fato, "privada" (enquanto não se tiverem cotejado todos os manuscritos, isso não passa de uma suposição; contudo, se o resultado for um absurdo, tal suposição muito provavelmente se confirmará). Se a correção tiver sido feita pela mão original, não se trata de uma variante propriamente dita. Uma vez restaurada a leitura do arquétipo, nada mais nos retém.

As categorias restantes são autoexplicativas, mas gostaria de acrescentar uma observação sobre as "divisões": não raro penso comigo mesmo que algo parece fortuito, mas como demonstrá-lo? Quando é possível delimitar um subgrupo, a dependência é clara; contudo, se em todo o "corpo paulino", por exemplo, um determinado conjunto de manuscritos compartilha uma leitura minoritária apenas uma vez, devemos presumivelmente concluir que os copistas cometeram o mesmo erro de forma independente (especialmente quando se

trata de uma alteração óbvia ou fácil), o que se enquadraria, então, na classificação "s".

Para fins de hierarquização dos exemplares, considero que um 'x' é mais grave do que um 'y', o qual, por sua vez, é mais grave do que um '/'; e essas são as únicas três categorias que atribuo ao exemplar. Qualquer 'x' representa uma mistura (que, no entanto, não afetou nenhum outro membro da família), razão pela qual o classifico como o mais grave. Um 'y' indica que a contaminação havia começado a se propagar — trata-se de uma combinação de mistura e divisão. Um '/' não envolve mistura, uma vez que se limita à família. Naturalmente, é possível que uma determinada variante não estivesse presente no exemplar ou, inversamente, que um copista tenha "corrigido" uma variante que ali existia; nesse ponto, temos de lidar com aproximações, mas, em uma perspectiva geral, tais ocorrências tendem a se anular mutuamente.

Permitam-me apresentar um estudo de caso. Eu mesmo já cotejei 37 manuscritos da Família 35 para a Epístola aos Hebreus. Dentre os exemplares presumidos, nada menos que 24 não apresentam a marca 'x', o que significa que estavam livres de contaminação textual particular. Cinco apresentam um 'x'; três, dois; dois, três; um, quatro; e o pior deles apresenta cinco (para um livro do tamanho de Hebreus) — excetuando-se um manuscrito de comentário que apresenta dez. Dos 24, o GA 2554 é uma cópia perfeita em seu estado atual, e considero que quatro exemplares eram perfeitos, enquanto os demais apresentavam uma ou mais divergências. O nível médio é tão elevado que classificar os exemplares torna-se difícil; terei grande interesse em ver uma comparação desse desempenho com o de qualquer outra família. É evidente que, ao copiar um exemplar da $\mathbf{f}^{35}$, os copistas acreditavam estar lidando com um texto sagrado e, por isso, realizavam seu trabalho com cuidado meticuloso.